

Entrevista com MAURO CONDÉ

Mauro Lúcio Leitão Condé é Professor Titular de História da Ciência na Universidade Federal de Minas Gerais, onde leciona desde 1998 e onde realizou pesquisas de mestrado (1990-1993) e doutorado (1997-2001) tematizando o pensamento de Ludwig Wittgenstein. Tem publicações – livros, capítulos e artigos – na área de História da Ciência, Historiografia da Ciência, Epistemologia e Filosofia da Linguagem, além de atuar como membro de corpo editorial e revisor de periódicos nacionais e internacionais nestas áreas.

1. Como se deu o seu interesse pela filosofia da ciência?

Antes mesmo de saber o que era filosofia da ciência, meu interesse se orientou pela ciência e a tecnologia ou, mais especificamente, pelo que é mais visível, isto é, o modo como a sociedade vê e fala sobre ciência e tecnologia na escola, na mídia e no cotidiano. Diríamos hoje a “imagem pública da ciência”, algo que nem sempre corresponde ao que é propriamente a atividade científica. Dessa imagem me surgiu na adolescência algumas indagações sobre a natureza e a fundamentação da ciência. Claro, sem que eu, naquele momento, sequer soubesse que tais questões eram filosóficas. Então, interessado por ciência, o caminho natural me parecia ser o de uma formação científica (Física) ou nas engenharias (Mecânica ou Civil), mas optei pela filosofia. Ao longo dos anos, entretanto, mesmo que satisfeito com a escolha, às vezes me perguntava por que não trilhei, como muitos outros, o caminho de formação científica. Muitos anos depois, meus filhos fizeram esse percurso (meu filho é físico, e minha filha engenheira metalúrgica). Pude acompanhar a trajetória das escolhas que eles foram fazendo, e este olhar externo interessado foi me ajudando a entender melhor as minhas próprias escolhas feitas pelo caminho, isto é, fui compreendendo o que nos define como cientistas ou filósofos da ciência.

Apesar do interesse pela ciência ser o ponto comum entre cientistas e filósofos da ciência, a diferença de abordagem é, em certo sentido, uma questão existencial. Você se torna cientista ou você se torna filósofo. Ainda que haja muitas interseções, um aspecto sempre pesa mais que outro e, assim, a escolha é feita (já que a atual sociedade de especialistas acaba nos impondo essa necessidade de escolha). As intenções desses diferentes profissionais com relação à ciência estabelecem o modo de existência de cada um. Se, por um lado, o cientista dedica sua existência a produzir ciência, o filósofo, por sua vez, tem um olhar transversal sobre essa produção. Este é o nicho do filósofo. É aqui que ele se sente feliz e realiza a sua existência. Por isto essa é uma escolha existencial.

Entretanto, é a ciência que nos aparece primeiro. A possibilidade de analisá-la pela filosofia é algo tardio. Por isto muitos interessados em filosofia da ciência – conscientes ou não – começam pela formação científica. Até o momento do vestibular, além dos meus conhecimentos escolares de ciências somados às minhas leituras em divulgação científica, literatura de ficção científica e, já naquela altura, alguma coisa de história da filosofia, me trouxeram o interesse pela filosofia como uma possibilidade de abordagem

da ciência. Foi algo mais intuitivo do que reflexivo (daí a necessidade de ir pensando esta questão da escolha pelo caminho, paradoxalmente, depois da escolha). Assim, optei por um percurso na filosofia, mas sempre continuando com um grande interesse nas ciências e suas histórias (especialmente, matemática e física). Já professor, vendo os alunos de diferentes áreas que chegam até a mim para a orientação na graduação ou na pós-graduação, parece-me que a escolha de uma ciência específica (física, biologia, matemática, etc.) – e não propriamente a disciplina filosofia (da mesma forma com a disciplina história) – ainda é um tipo de caminho “natural” por dois motivos. Em primeiro lugar, exatamente porque, como salientado, é a ciência que aparece inicialmente e não a filosofia. Desde a infância ouvimos falar de ciência (qual a criança que não gosta de dinossauros, eclipses, etc?), estudamos ciências na escola fundamental e no ensino médio, mas a filosofia, por sua vez, enquanto uma literatura “cinza” (ainda poderíamos fazer um trocadilho com Hegel para quem a filosofia é pintar o cinza sobre o cinza), não tem o mesmo destaque.

A imagem pública da ciência, ancorada em sua visão iluminista, apresenta a ciência como instrumento do progresso e portadora da verdade, mas sabemos que esta é uma imagem simplificadora. Nesta imagem, a filosofia fica à sombra, não aparece. Como é de sua natureza, a filosofia ocupa sua transversalidade e, assim, não está no foco dessa imagem. Desta forma, para os jovens ou o público em geral, a filosofia não se coloca prontamente como uma ferramenta de análise da ciência. Mesmo quando a disciplina filosofia aparece no currículo do ensino médio, dificilmente a filosofia da ciência ou questões epistemológicas ganham grande destaque. Na universidade, nem sempre a ciência é o foco da filosofia. Os alunos de filosofia e história costumam ser guiados a seus cursos de graduação, principalmente, por razões políticas, sociais ou mesmo estéticas. Apenas um número muito reduzido de universitários dessas áreas se interessa por filosofia da ciência. Em geral, aqueles que já tiveram alguma formação científica no ensino médio cursando alguma escola técnica.

Então, se o primeiro ponto a nos despertar para a filosofia da ciência é o fato de a sociedade criar esta imagem da ciência, o segundo ponto é o encantamento do filósofo com a ciência, isto é, o seu interesse pelo objeto ciência visto da sua transversalidade filosófica. Tanto filósofos da ciência quanto historiadores da ciência, antes de qualquer coisa, possuem grande interesse no objeto ciência. Até existem alguns casos em que um filósofo ou um historiador já maduros em suas posições filosóficas passam a ter interesse tardio pela ciência, mas acredito que, na maioria dos casos, é o contrário, isto é, o foco principal desde o início já é o objeto ciência. Assim o filósofo vai aprendendo a analisar a ciência a partir das ferramentas filosóficas que escolheu para trabalhar seu objeto. Então, sintetizando sua pergunta de como se deu meu interesse pela filosofia da ciência diria que, primeiramente, pelo interesse em ciências e depois disto com a descoberta de que a filosofia é uma excelente e poderosa ferramenta para trabalhar com este objeto. Talvez por isto dificilmente um filósofo da ciência, ainda que possa ser considerado um grande filósofo da “ciência”, não é considerado um grande filósofo. Na realidade, a própria reflexão filosófica sobre a ciência nunca ocupou um lugar central na filosofia. Os grandes epistemólogos não foram necessariamente considerados os mais influentes filósofos. Mesmo Kuhn¹, o filósofo da ciência que mais teve a obra divulgada, comentada e seguida em todos os tempos, não teria atingido para alguns o grau de complexidade para que pudesse ser chamado de filósofo. Podemos lembrar da observação que Rorty² fez no obituário do autor de *A estrutura das revoluções científicas* (KUHN, 1970) quando salientou que é preciso considerar que Kuhn não apenas foi um filósofo, mas foi o filósofo de língua inglesa mais influente da segunda metade do século XX (RORTY, 1996).

1 Thomas Kuhn (1922-1996), filósofo da ciência estadunidense.

2 Richard Rorty (1931-2007), filósofo estadunidense.

2. Como foi a sua formação em filosofia da ciência?

Como nem tudo me interessava diretamente na graduação de filosofia, eventualmente, durante o meu curso, ainda me questionava se não deveria ter optado pela carreira científica. Mas seguindo em frente no curso, fiz todas as disciplinas possíveis em filosofia da ciência e afins. O curso permitia uma grande carga horária de disciplinas optativas no próprio curso e eletivas fora do curso, o que me permitiu aprofundar a área de filosofia da ciência, lógica e filosofia da linguagem. Ainda eram oferecidas conferências de grande interesse para a filosofia da ciência com professores de outros departamentos (física, matemática, linguística, engenharias). Este contato com os outros departamentos da UFMG, muitos anos mais tarde, foi importante para o desenvolvimento da minha própria atuação na instituição já como professor. Sabia quem e onde procurar para ajudar no desenvolvimento de um grupo de História e Filosofia da Ciência na UFMG.

Ainda com relação à formação, antes de tudo, é importante dizer que, independentemente de qual tenha sido a graduação escolhida, se em ciências, filosofia ou história, é extremamente importante adquirir conhecimentos científicos, além dos filosóficos e históricos e vice-versa. Seguindo este preceito, como comecei a pensar que a questão da linguagem era de suma importância para a compreensão das questões epistemológicas, passei a buscar uma formação complementar à epistemologia em tudo que dizia respeito à linguagem, na área de filosofia da linguagem, lógica e fundamentos da matemática, além de linguística, semiótica e psicanálise. A partir deste conjunto de disciplinas, buscava compreender o papel da linguagem na produção do conhecimento científico, em especial, em importantes episódios da história da ciência.

3. Quais são as suas principais teses, concepções e ideias em filosofia da ciência?

A principal tese que busco defender é a de que a revolução científica foi, antes de tudo, uma revolução linguística. Quando filósofos e historiadores se debruçam sobre a emergência da ciência moderna, eles elaboram diferentes concepções sobre o que efetivamente teria produzido a ciência no contexto da modernidade. Para Alexandre Koyré³, por exemplo, tratou-se de uma revolução metafísica, isto é, no modo de percepção do homem moderno. A ciência, para ele, desde os gregos é antes de tudo “theoria”. Assim, não seriam os desenvolvimentos sociais ou tecnológicos que geraram a ciência moderna, mas a nova atitude metafísica do homem moderno frente aos novos problemas. Contrariamente, para Edgar Zilsel⁴, tratou-se de uma transformação econômica, social e tecnológica. Os novos valores trazidos pelo capitalismo, como individualismo, concorrência, lucro, mobilidade social etc., reorganizaram a sociedade reunindo o saber teórico dos filósofos ao saber prático dos artesãos mais sofisticados, os chamados engenheiros-artesãos. Este encontro entre o saber teórico e o saber prático, no novo cenário promovido pelo capitalismo, segundo Zilsel, possibilitou a emergência da ciência moderna. Entendo que possa haver ganhos com as teses de Koyré, Zilsel, ou ainda outras como as de Kuhn, Fleck⁵, Merton⁶ ou Hessen⁷, mas, de um modo geral, falta a essas teses um componente linguístico que não foi trabalhado suficientemente por nenhum deles. Em grande medida, porque eles não tiveram tempo para assimilar a “virada linguística” ocorrida na segunda metade do século vinte (Kuhn fez isto parcialmente, em especial com seu conceito de léxico).

Ao analisarmos a emergência da ciência moderna por essa perspectiva, percebemos que a linguagem, em sua dimensão social e pragmática, é o elemento que possibilitou a articulação de novos conhecimentos. Assim, a revolução científica seria um laboratório para entendermos o próprio modo de produção do

3 Alexandre Koyré (1892-1964), filósofo e historiador da ciência franco-russo.

4 (1891-1944), historiador e filósofo da ciência austríaco.

5 Ludwik Fleck (1896-1961), médico polonês e filósofo e historiador da ciência.

6 Robert King Merton (1910-2003), sociólogo estadunidense.

7 Boris Hessen (1893-1936), físico, filósofo e historiador da ciência russo.

conhecimento até os dias atuais. Por isto, a perspectiva que procuro elucidar é a de que a linguagem (sempre entendida a partir da pragmática da linguagem) e o social são as duas faces da mesma moeda (o social está estruturado em forma de linguagem ou a linguagem reflete o social) que nos permite elaborar perguntas à natureza e obter dela respostas. Perguntas e respostas estas que estão intimamente ligadas a seus tempos históricos, já que a estruturação social e linguística se constituem em um dado tempo histórico singular. O conhecimento é algo essencialmente histórico, o que faz da epistemologia uma epistemologia histórica. Claro que o componente natural, além deste cultural, é a outra contrapartida na formulação do conhecimento. A natureza jamais pode ser desconsiderada nesta equação, ainda que possa ser vista de diferentes perspectivas pelos diferentes grupos sociais situados historicamente. A linguagem é a chave para decodificar este processo de conhecimento. Esta é a tese central a que me disponho defender. Boa parte dos meus trabalhos se situam em torno desta temática.

4. Quais são os pré-requisitos obrigatórios para que alguém seja considerado apto à pesquisa em filosofia da ciência?

A primeira coisa que penso que deve haver é sempre a paixão pelas ciências e tecnologias. O que elas fazem, como transformam o mundo e a sociedade. É preciso ter esta curiosidade. É preciso ter este encantamento com o objeto ciência. Então, torna-se necessário desenvolver os conhecimentos de ciência e de filosofia, mas também de história e sociologia que são áreas que têm muito a contribuir para compreendermos este processo de produção do conhecimento. Desta forma, o primeiro pré-requisito é realmente ter um grande interesse pelo assunto, sobretudo, porque ele faz parte da rotina de trabalho. O segundo é se qualificar da melhor maneira possível com todas as ferramentas necessárias, isto é, com conhecimento de ciências e de filosofia. Claro que a consolidação desta formação, como em qualquer área, vem com o tempo. E nunca acaba.

5. Quais são as principais questões, ou temas, em filosofia da ciência?

Se formos pensar em termos das questões modernas que lançaram as bases da filosofia da ciência indagando sobre os fundamentos, as possibilidades e os limites do conhecimento (ainda que tais questões venham desde os gregos, mas tenham um outro significado no novo contexto de emergência da ciência moderna), talvez, já tenhamos atingindo um entendimento bastante satisfatório sobre o que é o conhecimento e em que a ciência estabelece seus fundamentos (claro que isto hoje é algo longe das posições iniciais do empirismo e do racionalismo). Contudo, na medida em que o cenário contemporâneo, com suas interações econômicas, políticas e sociais é extremamente mais complexo, o conhecimento não pode ser visto como algo isolado, mas conectado às questões políticas, éticas e mesmo estéticas. Então, no mundo contemporâneo, a epistemologia passa a ter sua existência atrelada a estas outras áreas tornando nosso entendimento dos processos de conhecimento algo muito mais complexo e difícil.

Diante de posições políticas, sociais e culturais muito diferentes podemos ser relativistas culturais e procurar respeitar diferentes posições, mas será que podemos ser relativistas epistemológicos? Será que diante de ideias muito antagônicas sobre o funcionamento das ciências, isto é, diante de alternativas como tomar ou não vacinas, aceitar a existência ou não da interferência humana na mudança do clima do planeta etc., devemos tratar os dois lados como iguais ou como portadores de posições legítimas? Ciência seria, assim, uma questão de mera crença, como na religião?

A colocação de questões como estas mostra que os horizontes da epistemologia encontraram outros parâmetros de negociação que se dão no terreno da política, da ética, da economia, do direito etc. Então, eu diria que um dos principais desafios da epistemologia hoje é ter que lidar com estes novos parâmetros neste novo cenário. É óbvio que o “saber é poder”, como já salientou Bacon⁸, e neste sentido a ciência

8 Francis Bacon (1561-1626), político, filósofo, cientista e ensaísta britânico.

está sempre envolvida em questões políticas e éticas, mas acreditar em um sentido forte que a “solução para o problema do conhecimento é política” (SHAPIN; SCHAFFER, 1985, p. 342) porque “somos nós mesmos e não a realidade que é responsável pelo que sabemos” (SHAPIN; SCHAFFER, 1985, p. 344), é algo que só reforçará o relativismo epistemológico e, em última instância, como já temia Platão, inviabilizará o conhecimento. Ou ainda o que é pior, poderá justificar qualquer uso nocivo da ciência. Daí a grande preocupação de Kuhn (KUHN, 2000) com os desdobramentos do programa forte sobre o qual o livro *O leviatã e a bomba de ar*, de onde eu extraí essas citações, foi escrito. Lembrando que esse livro de Shapin e Schaffer foi a obra de história da ciência mais aclamada depois de *A estrutura das revoluções científicas* (KUHN, 1970).

Enfim, talvez um dos principais problemas que hoje a epistemologia enfrenta seja o de validar o acesso da ciência à natureza, mesmo que a epistemologia tenha assumido a sua dimensão histórica. Em outras palavras, ainda que seja uma “epistemologia histórica” que leva em consideração a singularidade temporal da produção do conhecimento, a epistemologia necessita garantir a compreensão que temos da natureza de forma a se impor acima das diferentes subjetividades mergulhadas em suas diversas posições políticas, sociais e éticas. Ainda que seja difícil encontrar um ponto de equilíbrio entre o universal e o contingente, como já advertia Aristóteles ao negar o caráter de cientificidade à história, esta é a necessária e difícil tarefa da epistemologia contemporânea. O que, certamente, nos faz saudosistas de quando éramos tão somente bons positivistas.

6. Como vê a situação atual da filosofia da ciência no mundo? E no Brasil? O que poderia ser feito para aperfeiçoar esta situação?

Talvez, tenhamos terminado a era dos grandes filósofos da ciência que o século XX apresentou, como Popper⁹, Feyerabend¹⁰, Kuhn, Bachelard¹¹, Canguilhem¹² etc. Em grande medida, o debate epistemológico que ali se estabeleceu se desdobrou do próprio desenvolvimento das ciências na passagem do modelo clássico vigente até o século XIX (sobretudo a mecânica clássica newtoniana) para as novas posições da ciência contemporânea (mecânica quântica, relatividade, biologia molecular, etc.) surgidas desde o início do século XX. Tratava-se da necessidade de pensar o “novo espírito científico”, como salientou Bachelard. Ora, como não tivemos uma outra transformação ou revolução tão radical da ciência desde então, possivelmente não teremos concepções epistemológicas tão inovadoras. Não falo aqui do grande desenvolvimento das tecnologias que assistimos diariamente, mas das ideias científicas. Nossas principais ideias científicas ainda são basicamente as mesmas do início do século XX. Para pensar com Kuhn em sua obra clássica, vivemos, em um certo sentido, um período de “ciência normal” da “revolução paradigmática” que ali se instalou. Daí possivelmente não teremos muitas mudanças radicais na epistemologia, a não ser, como salientado, a necessidade de pensar a epistemologia a partir dos outros campos como a política ou a ética.

Claro que, se nos outros países com grande tradição epistemológica, o novo tem encontrado dificuldades de surgir, no Brasil não seria diferente. Portanto, isso não é uma dificuldade especificamente nossa, mas deste espírito de época peculiar à ciência contemporânea, pois já atingimos um alto nível de desenvolvimento da filosofia da ciência entre nós. Muitos de nossos pesquisadores em filosofia da ciência dialogam com o mundo e publicam internacionalmente. Ainda que a filosofia da ciência possa contribuir no tipo de ciência que se produz, a epistemologia tende a mudar de modo radical apenas quando a ciência também muda radicalmente. Então, talvez não tenhamos concepções epistemológicas muito diferentes nas próximas décadas. No entanto, Kuhn também nos lembra que, mesmo na ciência normal, a criatividade e a originalidade sempre surgem. Muitos dos autores que abordam a ciência

9 Karl Popper (1902-1994), filósofo austríaco.

10 Paul Feyerabend (1924-1994), filósofo da ciência austríaco.

11 Gaston Bachelard (1884-1962), filósofo francês.

12 Georges Canguilhem (1904-1995), filósofo e médico francês.

de um ponto de vista filosófico, histórico ou mesmo sociológico, como Shapin¹³ e Schaffer¹⁴, Latour¹⁵, Galison¹⁶ e Daston¹⁷ etc., ganharam notoriedade porque procuraram compreender as relações entre a epistemologia e a sociedade (política, cultura, ética etc.). Contudo, tais autores ainda estão fortemente inseridos em um tipo de paradigma sócio-construtivista, ou, se quisermos falar com Fleck, no estilo de pensamento da epistemologia do século XX. Em certo sentido, poderíamos dizer que estes autores que se destacaram são excelentes filósofos da ciência “normal”, no sentido ensinado por Kuhn.

7. Quais os autores que considera mais influentes em filosofia da ciência?

Se pensarmos em termos de influência, certamente, a obra de Thomas Kuhn foi a que maior impacto causou. Pensando em uma possível lista, talvez, possamos colocar diferentes autores em dois blocos distintos: o primeiro contempla autores que construíram a epistemologia clássica do século XX, indo desde Carnap¹⁸ e o Círculo de Viena, Popper, Lakatos¹⁹, Kuhn até Feyerabend. O segundo e mais recente grupo é exatamente daqueles autores que procuraram perceber a epistemologia em suas relações com os outros campos do saber. Neste grupo, estariam autores como Bloor²⁰, Shapin, Latour, Daston, etc. Embora tenham alcançado grande notoriedade, observo que estes não são filósofos tradicionais. Não construíram suas carreiras a partir de um departamento de filosofia, mas na história, sociologia ou mesmo na antropologia. Isto exatamente porque suas diferentes posições inaugurais quanto à produção do conhecimento nasceram da confrontação da filosofia com outras áreas do saber. Por exemplo, Bruno Latour, que é considerado um dos maiores pensadores (não que eu esteja endossando essa posição), teve uma carreira de professor de sociologia da inovação na escola de engenharia de minas, ou coisa similar. Portanto, ainda que tenha tido uma formação em filosofia, atuou fora de um departamento de filosofia. Claro que existe o professor de epistemologia do departamento de filosofia da Sorbonne, e ele é altamente respeitado entre seus pares, mas não foi a figura que ganhou grande notoriedade na França na formulação de uma nova proposta epistemológica. Portanto, acredito que isso simboliza um espírito de época que nos obriga a pensar a epistemologia em contraposição aos outros saberes. Isto acontece também no Brasil. Podemos tomar como exemplo a obra de grande alcance internacional de Viveiros de Castro²¹ que, ao pensar o modo de existência indígena e suas cosmologias, nos conduz para uma reflexão epistemológica. Mais uma vez, é um mergulho na etnografia, um outro saber, que gera interessantes questões epistemológicas que ganham grande impacto.

Ainda que seja extremamente importante acompanhar o que essa epistemologia do diálogo com os outros saberes apresenta, isto é, ainda que seja importante compreender esta espécie de “epistemologia da alteridade”, temos que constantemente retomar a epistemologia por ela mesma, isto é, tentar avaliar se o antigo veio epistemológico ainda tem algo a nos dizer. Neste sentido, acredito que o trabalho de Ludwik Fleck ainda é muito inspirador. Certamente, Fleck também estabeleceu um diálogo da epistemologia com outras áreas, mas termina por iluminar muito mais a própria epistemologia do que as áreas que o ajudaram a pensá-la, como a sociologia do conhecimento ou a história da ciência. Se considerarmos a contribuição de Fleck para a sociologia do conhecimento, ela é praticamente irrisória. Sua história da sífilis, em contraposição a muitos trabalhos similares à sua época, também é relativamente pobre, mas suas reflexões epistemológicas tiradas dessas confrontações são extremamente ricas e nos ajudam muito a compreender a ciência. Portanto, aqui a relação da epistemologia com outros saberes não se coloca

13 Steven Shapin (1943-), historiador e sociólogo da ciência estadunidense.

14 Simon Shaffer (1955-), historiador e filósofo da ciência britânico.

15 Bruno Latour (1947-), antropólogo, sociólogo e filósofo da ciência francês.

16 Peter Galison (1955-), físico e historiador da ciência estadunidense.

17 Lorraine Daston (1951-), historiadora da ciência estadunidense.

18 Rudolf Carnap (1891-1970), filósofo da ciência austríaco.

19 Imre Lakatos (1922-1974), filósofo da matemática e da ciência húngaro.

20 Bloor (1942-), sociólogo britânico.

21 Eduardo Viveiros de Castro (1951-), antropólogo brasileiro.

prioritariamente como uma ferramenta para iluminá-los, mas busca neles inspiração para desenvolver a própria epistemologia, ainda que, em última instância, ela seja, em retorno, utilizada pra compreender as ciências. Apenas acho que Fleck, por não ter tido a oportunidade de assimilar a virada linguística, não tenha compreendido a necessidade de formular uma concepção de linguagem mais adequada à sua própria teoria da ciência. Então, a conexão com autores como o segundo Wittgenstein ajudaria muito neste sentido.

8. Qual a relevância da filosofia da ciência para a ciência? E para a filosofia? Haveria ainda uma terceira área do conhecimento, que poderia ‘ganhar’ com a filosofia da ciência?

É até possível fazer ciência sem filosofia, mas não é recomendável. A filosofia, tendo os cientistas consciência ou não disto, emerge naturalmente nas questões científicas. Vários dos grandes cientistas foram também muito interessados em questões filosóficas. Até a separação efetiva entre cientistas e filósofos, com a criação progressiva das especialidades, sobretudo a partir do século XIX, sabemos que a mesma pessoa desenvolvia as duas atividades, ora se destacando em uma área, ora em outra e alguns casos notáveis trazendo contribuições para as duas áreas. Essa relação continuou mesmo após a radicalização desse processo de especialização e tornou-se comum cientistas muito especializados, ganhadores de prêmios de relevância como o Nobel, escreverem sobre filosofia. Então, entre os grandes cientistas, a filosofia sempre foi muito bem aceita. A dificuldade maior está no processo de formação dos novos cientistas, quando a filosofia da ciência nem sempre é algo muito bem aceito.

A filosofia é o que permite, muitas vezes, um novo olhar sobre as questões científicas, além de ajudar enormemente na leitura de mundo. O cientista que absorve a filosofia (não apenas ela, mas também outras áreas da cultura) terá muito mais possibilidades de refletir sobre a sua própria ciência e, algo extremamente importante, sobre a sociedade na qual e para a qual essa ciência é produzida. Bertrand Russell²², em seu livro *Elogio do Lazer* (1977), nos ensinou sobre a importância do conhecimento inútil. Inútil aqui no sentido de conhecimentos que não possuem uma aplicação imediata ou ainda de conhecimentos que não se inserem diretamente na máquina de produção econômica. Com relação à ciência, a filosofia opera algo semelhante. Ela é um olhar transversal que, ainda que não tenha necessariamente uma aplicação direta, tem se mostrado cada vez mais importante, pois a filosofia funciona como o espaço da crítica que permite estabelecer novos pontos de inflexão, novas ponderações sobre as possibilidades do conhecimento ou os novos caminhos a serem seguidos. Assim é, no mínimo, muito estranho quando alguém à frente de alguma instituição científica descarta a relevância da filosofia, como aconteceu recentemente com um importante dirigente científico de Portugal, ou vem acontecendo atualmente em nosso país. Isto apenas mostra uma visão de curto alcance. Apenas instiga uma ciência acrítica, algo que precisa ser evitado.

Muitas áreas poderiam ganhar com a filosofia da ciência, mas, por trabalhar mais diretamente com a história da ciência, vejo que esta é uma área que não apenas ganha, mas que reciprocamente enriquece a filosofia. Aqui me permito terminar com Ludwik Fleck (1986 [1946]) para quem talvez devêssemos, na análise da ciência, conceber não uma filosofia da ciência, mas uma “ciência da ciência” no sentido de que não apenas a epistemologia, mas a história, a sociologia e a filosofia deveriam ser integradas para permitir uma melhor compreensão da ciência. Enfim, para Fleck, uma epistemologia que não interage com a história seria apenas uma epistemologia imaginária.

22 Bertrand Russell (1872-1970), matemático e filósofo britânico.

Referências

- CONDÉ, M.L.L. *Um papel para a história*: o problema da historicidade da ciência. Curitiba: Editora UFPR 2017.
- CONDÉ, M.L.L.; SALOMON, M. *Alexandre Koyré: história e filosofia das ciências*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.
- CONDÉ, M. L. L.; PENA-FORTE, M. A. *Thomas Kuhn: A Estrutura das Revoluções Científicas [50 anos]*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.
- CONDÉ, M. L. L. *Ludwik Fleck: estilos de pensamento na ciência*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.
- CONDÉ, M. L. L. *Ciência e Cultura na História*. Belo Horizonte: Argumentum, 2006.
- CONDÉ, M. L. L. *Ciência, História e Teoria*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2005.
- CONDÉ, M. L. L. *As Teias da Razão: Wittgenstein e a crise da racionalidade moderna*. Belo Horizonte: Scientia/UFMG, 2004.
- CONDÉ, M. L. L. *Wittgenstein, Linguagem e Mundo*. São Paulo: Annablume, 1998.
- FLECK, Ludwik. Problems of the science of science. In: COHEN, R.; SCHNELLE, T. (Eds.). *Cognition and fact: materials on Ludwik Fleck*. Dordrecht: Reidel Publish Company, 1986 [1946].
- FLECK, Ludwik. *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*. OTTE G.; OLIVEIRA M. (Trads.) Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010 [1935].
- KUHN, Thomas. *The Structure of Scientific Revolutions*, second edition, Chicago: University of Chicago Press, 1970 [1962].
- KUHN, Thomas. The trouble with the historical philosophy of science. In: KUHN, Thomas. *The road since structure*. Chicago: The University of Chicago, 2000 [1992].
- RORTY, Richard. Um mestre iconoclasta. *Folha de São Paulo*. São Paulo: 06 de outubro de 1996. Caderno Mais, Seção autores, 05.
- RUSSELL, Bertrand. *Elogio do lazer*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.
- SHAPIN, S.; SCHAFFER, S. *Leviathan and the air-pump: Hobbes, Boyle and the experimental life*. Princeton: Princeton University Press, 1985.
- Nota:** Para uma lista completa de publicações do Professor Mauro Condé, ver:
<http://somos.ufmg.br/professor/mauro-lucio-leitao-conde>